

AS METAMORFOSES DO MESMO

*Edison BARIANI JR.*¹

Em *As formas do mesmo*, Nilo Odália – professor aposentado da FCL/UNESP de Araraquara recentemente falecido – perscruta o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna, seguindo as continuidades que aproximariam esses autores em suas visões da ciência, da história (e do historiador) e do Brasil. Pelo caminho, quase nas entrelinhas, insinua-se a figura incômoda de Capistrano de Abreu, historiador singular e dissonante que, interposto aos outros autores, torna-se espécie de pedra no caminho que desvia a rota “óbvia” da continuidade, sem entretanto, mudar-lhe os fins.

Nilo Odália, lançando mão do estruturalismo genético lapidado por Lucien Goldmann, analisa os limites da consciência, os projetos e as posições desses intelectuais (Varnhagen e Oliveira Vianna) que, em sua forma de sondar a formação social brasileira, seriam expoentes de um modo, uma “forma”, de conceber o Estado como demiurgo da sociedade, principal ente político responsável pela criação, sedimentação, coesão e desenvolvimento da nacionalidade.

Varnhagen (1816-1878) – considerado um dos fundadores da História do Brasil, melhor seria da historiografia no Brasil – autor de extensa obra, na qual se destacam a *História Geral do Brasil* e a *História da Independência do Brasil*, já havia sido objeto de outro texto de Odália (1979, p. 16), no qual localiza uma “visão de mundo política” do historiador, que revelaria “a preocupação dominante na classe social dirigente do nosso país, durante o século XIX”. Ninguém, tanto quanto ele, teria refletido o projeto da classe dirigente naquele século, em termos de configuração do país pela via da prevalência do Estado, da afirmação da Nação, da coesão e manutenção da unidade territorial, da predominância do branco e da religião cristã - tomados como processos civilizatórios. Para um comentarista, “a grande síntese do Brasil do século XIX será a de Varnhagen” (REIS, 1999, p. 28).

Segundo Odália, com Varnhagen – precursor de Silvio Romero, Gilberto Freyre e Oliveira Vianna – teria início o processo (e o projeto) de formação da nacionalida-

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP.

de, o Estado (tomado como continuidade quase “natural” do Estado português) estaria imbuído da missão de formar a Nação e configurar o povo, esculpindo o homem brasileiro por meio da massa amorfa e indefinida que, após tal engenharia política, tornar-se-ia o Povo brasileiro. Esse projeto, talhado para a dominação “aristocrática”, pressupunha a preponderância do cristianismo e a evolução do branqueamento, tal “teoria” incorporava também índios e negros, que considerados em seus níveis civilizatórios na escala da evolução humana, deveriam, conforme o processo de miscigenação, dar lugar ao homem branco brasileiro, fruto da mistura de raças.

Já Oliveira Vianna (1883-1951), de certo modo, continuaria a obra de Varnhagen entretanto, tendo como mediação a crítica a este feita por outro historiador, no início do século XX. Capistrano de Abreu (1853-1927), professando uma fé historiográfica rankeana, “despido de veleidade e compromisso político senão o de ser um historiador em busca da verdade histórica” (ODÁLIA, 1997, p. 123), encontraria no passado colonial fraturas, divisões e descontinuidades que viriam na contramão da visão política de Varnhagen e seu projeto de homogeneização e coesão social por meio da atuação do Estado criador da Nação e dos nacionais.² Tese (Varnhagen), antítese (Capistrano de Abreu) e síntese (Oliveira Vianna) marcam os momentos de reafirmação do mesmo.

Alertado pelas considerações de Capistrano (o anti-Varnhagen), Oliveira Vianna refaria o projeto político da classe dirigente, preocupado agora em criar a “Nação solidária”, em integrar e harmonizar as diversidades (dispersão geográfica, diferença de mentalidades entre as regiões do país, defectiva organização das classes sociais) conforme a ação amalgamadora do Estado, agindo como força centrípeta em favor da coletividade e contra os particularismos. Soberania social do Estado, integração geográfica e educação seriam os pilares para dar a uniformidade necessária à organização da Nação.

Varnhagen e Oliveira Vianna, como intelectuais comprometidos com projetos políticos da classe dominante, em suma, veriam no Estado a força modeladora do homem e da sociedade brasileiras, o instrumento de tutela do povo sem o qual seria impraticável a conformação da ordem nos termos em que se impunha. A crítica de Odália, que se espraia sutilmente para o Estado Novo e o Golpe de 1964, tem como alvo a “tecnologia” do conhecimento e a instrumentalização da história (como

² Tais afirmações de Odália sobre Capistrano de Abreu, bem como a importância que seria dada por este ao elemento indígena na nossa formação, embora manifestas na obra do historiador cearense, deveriam ser criticamente consideradas e matizadas devido ao fato de que Capistrano concentrou seus estudos no séc. XVI, momento no qual essas características são protuberantes mas certamente perdem força com o passar do tempo. Isso, por outro lado, também não valida os argumentos de Varnhagen ao marginalizar o elemento indígena em toda história do Brasil. ver (ABREU, 1982).

ciência) para fins políticos imediatos, justificativa de privilégios, violentando-a nos seus requisitos de fidelidade à verdade e à reflexão sobre os homens em sua inteireza. Segue-se daí a reprovação ao intelectual submisso a compromissos políticos a tal ponto que, alheio ao compromisso com o conhecimento, perde o fio da meada da história. Já em mencionado trabalho anterior sobre Varnhagen, Odália referia-se à fragilidade dos compromissos políticos ao remeter-se ao implacável devir da história que devora obras e autores, deixando à memória dos tempos o julgamento dos atos:

(...) parece uma lei implacável da história o fato de que toda grande obra histórica se transforma, com o passar do tempo, em monumento e testemunho históricos da época em que foi escrita. Tragédia ou comédia, esse o destino inexorável de todo historiador e de toda obra histórica. (ODALIA, 1979, p. 12)

Apologistas do Estado demiurgo, Varnhagen e Oliveira Vianna, passados os momentos do Estado Novo e do Golpe de 64, agora nestes tempos de “neoliberalismo” e “globalização”, ostentariam hoje um ar de tragédia ou de comédia? Após o fracasso do Estado em modelar à sua imagem e semelhança – e aí talvez um dos equívocos históricos – a Nação e o Povo, e a catástrofe em andamento da “livre iniciativa” (subsidiada) neoliberal em gerir o país, haveria neste momento uma outra (re)leitura possível dessa vertente historiográfica?

Ainda, por outro lado, estendendo a denominação das “formas do mesmo”, não estariam hoje as apologias à proclamada “sociedade civil” – posta como representante racional e em geral de todos os brasileiros – condenadas a repetir de modo grotescamente invertido o “equivoco” calculado das classes dominantes? A arvorar-se em sujeito onisciente – como o Estado de outrora –, a pretexto de uma minoria, tomar decisões pelos que ainda “não se qualificaram” para decidir?

Modelar a Nação “de cima para baixo” e tutelar o povo – seja pelo Estado, seja pelos setores superiores organizados travestidos em sociedade civil e democrática – ainda parecem ser estratégias das classes dominantes tendo como porta-vozes historiadores (e sociólogos, cientistas políticos etc.), intelectuais cujo posicionamento anti-popular não teve como propulsor simplesmente o compromisso político, e cuja devoção aos valores da ciência não os preservou da instrumentalização.

Se, como afirma Odália, a tecnologia violenta a história (ciência) ao impor-lhe a urgência do voluntarismo e a estreiteza dos interesses e privilégios, não é a fidelidade científica prudente e desinteressada que pode redimi-la (e talvez mesmo nada possa redimi-la), já que descartada toda teleologia e supra-racionalidade, tal história é sempre a história (vida) dos homens, feita e narrada por eles mesmos em situações determinadas; entretanto, incorre certamente em equívoco menor quem escolhe conscientemente sua perspectiva – e as responsabilidades que dela advém – e

Edison Bariani Jr.

vislumbra as armadilhas da instrumentalização pelo poder.³ Caberia então posicionar-se (e reposicionar-se se preciso for) para que o complexo de demiurgia – anti-popular e autoritário - das classes dominantes, refletida em algumas posições intelectuais, não persista de outra forma como o ‘mesmo’, não reitere as formas do mesmo simplesmente eludindo a mesmice das formas.

ODÁLIA, N. **As formas do mesmo**: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

Referências

ABREU, J. C. de. **Capítulos de história colonial 1500-1800**. Brasília: Ed. UnB, 1982.

GOMES, A. de C. **História e historiadores**: a política cultural do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

ODÁLIA, N. Introdução. In: VARNHAGEN, F. A. de. **Varnhagen**: história. São Paulo: Ática, 1979.

ODÁLIA, N. **As formas do mesmo**: ensaios sobre o pensamento historiográfico de Varnhagen e Oliveira Vianna. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.

REIS, J. C. **As identidades do Brasil**: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

³ Ângela de Castro Gomes (1999) mostra como uma narrativa histórica na qual tem lugar jesuítas, índios, negros, mestiços, bandeirantes etc. pode servir ao discurso de legitimação do poder por suprimir as contradições da história.